

UMA (RE)LEITURA DOS CHAMADOS VERBOS TRANSITIVOS “BIRRELATIVOS”



A (RE)READING OF THE SO-CALLED “BIRRELATIVE” TRANSITIVE VERBS

Francisco Levi Apolinário de Moraes¹
Raimundo Francisco Gomes²

Resumo: O presente artigo tem por finalidade discutir a ocorrência dos chamados verbos “birrelativos”, a partir de uma releitura feita mediante análise do estudo de Azeredo (2011) e sustentada segundo a Teoria dos Papéis Temáticos, conforme Caçado (2013). Nesse contexto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, de aspecto descritivo-explicativo, com base nos preceitos de Azeredo (2011), Caçado (2013), Luft (2008) e Sacconi (1990), assevera-se a natureza inconstante dos verbos birrelativos, haja vista que eles não podem selecionar, sob o viés normativo-tradicional, dois objetos indiretos simultâneos, sendo considerados, sob o prisma da Sintaxe Gerativa e da Semântica dos Papéis Temáticos, certos tipos de adjuntos adverbiais ou de objetos diretos. Com isso, ressalta-se a importância deste estudo, de forma a desconstruir o conceito da birrelatividade, a partir de uma análise de dados, podendo servir como escopo de estudo para pesquisas linguísticas mais aprofundadas, em corpus, futuramente, bem como contribuir para possíveis aprofundamentos didáticos de professores e pesquisadores da área.

Palavras-chave: Papéis Temáticos; Transitividade Verbal; Verbos Birrelativos.

Abstract: The present article aims to discuss the occurrence of the so-called “birrelative” verbs, based on a reinterpretation through the analysis of AZEREDO’s study (2011) and supported according to the Theory of Thematic Roles, as proposed by Caçado (2013). In this context, through a qualitative bibliographic research with a descriptive-explanatory aspect, based on the principles of Azeredo (2011), Caçado (2013), Luft (2008), and Sacconi (1990), we affirm the inconsistent nature of birrelative verbs. This is because, under the normative-traditional bias, they cannot select two simultaneous indirect objects, being considered, from the perspective of Generative Syntax and Thematic Roles Semantics, certain types of adverbial adjuncts or direct objects. Thus, the importance of this study is emphasized, aiming to deconstruct the concept of birrelativity through a data analysis. It may serve as a scope for more in-depth linguistic research in corpora in the future and contribute to possible didactic deepening for teachers and researchers in the field.

Keywords: Thematic Roles; Verbal Transitivity; Birrelative Verbs.

¹ Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4566099191389604>, Orcid: <http://lattes.cnpq.br/4566099191389604>, Email: leviapolinario55@gmail.com

² Doutor em Letras/Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professor Adjunto M do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9542010211907146>, Orcid: <http://lattes.cnpq.br/9542010211907146>. Email: msc_gomes@yahoo.com.br

Introdução

Os verbos constituem a categoria gramatical mais abundante na Língua Portuguesa, existindo cerca de 10 (dez) mil vocábulos no léxico português. Essa classe se refere às palavras que representam ação, estado ou fenômeno da natureza, funcionando, também, como predicador da oração, isto é, a essência de qualquer sentença. A ideia de que o verbo é núcleo operacional de uma frase foi proposta, inicialmente, por Tesnière. De acordo com seus estudos, o verbo é “como um polo imantado, capaz de atrair um determinado número de actantes³, sendo responsável pela dominância entre eles. (*apud* Borba (1996, p. 19))” Com isso, entende-se que cada sintagma presente em uma oração é, ou deve ser, uma exigência direta do verbo. Isso posto, entende-se o fato de este ser essencial na composição frasal.

Nesse ínterim, no plano sintático, os verbos têm a capacidade de ‘selecionar’ argumentos para, caso necessário, completar-lhes o sentido dentro de uma oração. Dessa maneira, à luz da Gramática Tradicional, os verbos podem ser de natureza intransitiva, transitiva direta, transitiva indireta, bitransitiva ou de ligação. Entretanto, consoante estudo de alguns linguistas contemporâneos, como Azeredo (2011), alguns verbos podem ter viés birrelativo, isto é, quando admite dois objetos indiretos. Assim, pretende-se revisitar a teoria proposta por Azeredo (2011), sob o prisma da semântica dos papéis temáticos e da sintaxe.

Com isso, este artigo objetiva demonstrar a inexatidão dos verbos “birrelativos”, no tocante à sintaxe e à semântica, bem como perceber a função dos papéis temáticos no processo de classificação de complementos verbais.

A realização deste artigo vem suprir uma carência pouco discutida nos atuais estudos linguísticos e nos compêndios gramaticais, que é a existência dos verbos “birrelativos”, nomenclatura praticamente inexistente nas Gramáticas Tradicionais, mas que é empregada em alguns materiais, mais antigos⁴, sobre transitividade verbal. Nesse sentido, numa sentença como: “Paulo queixava-se do funcionário ao patrão”, tem-se a ocorrência de um verbo transitivo direto e indireto ou de um verbo birrelativo, isto é, com dois objetos indiretos? Ora, um falante da Língua pode entender que são aceitáveis

³ Entenda-se ‘actante’ como sendo, tradicionalmente, os “complementos” do verbo.

⁴ Um dos materiais consultados e que continha a noção de verbo ‘birrelativo’ foi o “Dicionário de Verbos e Regimes”, de Francisco Fernandes.

as perguntas ‘de quem?’ e ‘a quem?’ ao verbo “queixar-se”. Não obstante, é sabido que não é aceitável, precipuamente, em manuais mais tradicionais de gramática, a ocorrência simultânea de dois complementos indiretos a um mesmo verbo. Assim, tem-se um caso de verbo birrelativo ou de outro fenômeno linguístico⁵? Com essa problematização, busca-se apresentar hipóteses e/ou respostas a essa questão, que se torna relevante, principalmente, em se tratando de transitividade verbal, conteúdo amplamente abordado nas escolas e nos vestibulares/concursos tradicionais, além de contribuir para futuras pesquisas, mais aprofundadas, em *corpus*.

Metodologias

Para realização deste artigo, fez-se uma pesquisa bibliográfica qualitativa, de caráter descritivo-explicativo, revisitando os estudos de autores na área abordada, tais como Azeredo (2011), Luft (2008), Cançado (2005) e Sacconi (1990), recolhendo fundamentação consistente, de maneira a sustentar a tese desenvolvida neste trabalho.

A maioria dos exemplos abordados no artigo para exemplificar e embasar a discussão foi retirada dos manuais dos autores consultados, usando-se de contra-argumentação, em certas ocasiões, de modo a suprir as necessidades de desenvolvimento do trabalho.

Além disso, para detalhar os papéis temáticos dos verbos abordados, utilizou-se a plataforma virtual “VerboWeb”, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, consultando-se, no campo específico no site, os verbos mencionados, embasando a argumentação do texto. Ademais, a regência de alguns verbos citados no trabalho foi consultada no “Dicionário Prático de Regência Verbal” de Luft (2008), resgatando-se alguns verbetes escritos no material.

Por fim, com o fito de justificar as relações de dominância entre o verbo e seus complementos, fez-se uso do esquema arbóreo da Sintaxe Gerativa, destacando a hierarquização dos constituintes oracionais.

⁵ No decorrer do estudo, será demonstrado que a maioria dos exemplos abordados, como sendo casos de ‘birrelatividade’, na realidade, apresentam simplesmente objeto direto preposicionado, objeto indireto ou adjunto adverbial.

Transitividade Verbal: dos aspectos básicos à Birrelatividade

A transitividade verbal constitui a capacidade de o verbo ‘ir além’, ‘passar adiante’, ‘transcender’ dentro de uma oração, selecionando argumentos internos, de modo a inteirar-lhe sua casa valencial. Nesse sentido, a Gramática Tradicional preconiza a transitividade verbal da seguinte forma: intransitivos (verbos com significação completa, sem necessidade de complementadores); transitivos diretos (verbos com significação incompleta, necessitam de um complementador sem preposição); transitivos indiretos (verbos com significação incompleta, necessitam de um complementador com preposição; bitransitivos (verbos com significação incompleta, necessitam de dois complementadores, um com preposição e outro, sem) e de ligação (verbos que estabelecem uma “igualdade” entre o sujeito e sua característica, o predicativo, sendo essencial no contexto em que está inserido).

No entanto, alguns estudos linguísticos vêm adotando uma outra relação de transitividade, os chamados verbos birrelativos. Esses verbos, segundo Azeredo (2011), são uma variante do transitivo relativo⁶, com a diferença de que estes apresentam dois complementos preposicionados; nesse caso, dois objetos indiretos. Por outro lado, a Tradição Gramatical abona que não se pode haver dois objetos iguais a um mesmo verbo, ou seja, só há a possibilidade de um verbo aceitar um objeto direto e/ou um objeto indireto. Assim, analise-se o exemplo:

(1) Paulo informou-lhe da aula.

No exemplo (1), tem-se o verbo causativo, isto é, indicador de causa, ‘informar’, que seleciona um argumento externo “Paulo” (agente) e dois internos, “lhe” (beneficiário) e “da aula” (tema). Todavia, no plano sintático e no que concerne aos compêndios gramaticais, a sentença em estudo falha, em adotar dois objetos indiretos, ou seja, dois complementos preposicionados⁷. Luft (2008) esclarece, em seu “Dicionário prático de Regência Verbal”, que o verbo ‘informar’ é bitransitivo, tomando o objeto

⁶ Para Azeredo (2011), os verbos transitivos relativos são aqueles que apresentam um complemento relativo que, no contexto da Gramática Tradicional, concatenam-se aos verbos transitivos indiretos.

⁷ Segundo Luft (2008), o exemplo (1) é agramatical, do ponto de vista normativo. Nesse viés, eis exemplos de construções que são aceitáveis na norma-culta: “Paulo informou-lhe a aula”; “Paulo informou-o da aula”; “Paulo informou-a da aula”; “Paulo informou-a ao amigo”.

direto ora como um ser animado, ora inanimado; e um objeto indireto ora um ser animado; ora inanimado. A estrutura argumental-sintática desse verbo aponta para apenas uma possibilidade de se encontrar um complemento preposicionado:

(2) INFORMAR: V, < Agente, Tema, (Alvo) >
 SN SN (SP)
 x y z

Em que X age causando a transferência, por meio de um evento específico, de Y para Z.

Perceba-se que o verbo ‘informar’ admite apenas um actante/complemento, representado graficamente pelo sintagma preposicionado (SP), que assume o papel de ‘Alvo’, ou seja, o destino ao qual a informação veiculada chegará.

Desse modo, voltando-se à ocorrência dos chamados verbos birrelativos, observem-se os exemplos:

- (3) a. Paulo bateu *com a cabeça no chão*.
 b. Ele passou *de tenente a capitão*⁸.
 c. Rogai *por mim a Deus*.

Em 3a, tem-se o verbo ‘bater’ que seleciona um argumento externo, desempenhando papel de agente, e dois argumentos internos, sendo o primeiro o objeto afetado e o segundo, o locativo. Contudo, note-se que o complemento ‘com a cabeça’ que, para Azeredo (2011) funciona com objeto indireto, admite a supressão da preposição ‘com’, exercendo, assim, a terminologia de objeto direto, já que representa o afetado/paciente da ação verbal⁹. Já o termo ‘no chão’ que, igualmente para o autor funciona como objeto indireto, tem caráter estritamente locativo, isto é, o lugar sobre o qual a ação verbal realizou-se, operando como adjunto adverbial de lugar. Ademais, se se analisar a estrutura argumental e sintática desse verbo, constata-se que ele admite apenas um SN, como argumento interno, e, um SP, locativo, a depender do contexto.

⁸ Os exemplos (3a-b) foram retirados da Gramática Houaiss do Português (p. 219), de José Carlos Azeredo. (Grifos do autor)

⁹ Normalmente, o objeto direto funciona como o paciente no qual recai a ação verbal.

(4) BATER: V, < Agente, Objeto Afetado, (Locativo) >

SN	SN	(SP)
x	y	z

Em que X age sobre Y, por meio de um evento mediado pelo corpo, que pode ocorrer num meio Z¹⁰.

Com isso, verifica-se que o verbo ‘bater’, no exemplo (3a), dado por Azeredo (2011), não é um paradigma para o que o autor define como um transitivo birrelativo, já que na semântica dos papéis temáticos e no próprio plano sintático, não se encontram evidências para se atribuir uma função de objeto indireto, mas sim de objeto direto ou adjunto adverbial.

No exemplo (3b), o verbo ‘passar’, embora seja comumente causativo de transferência ou de contato, assumindo diversas predicções, desde verbo copulativo a bitransitivo, no contexto dado, ele não apresenta dois objetos indiretos, como afirma o autor, em sua contextualização. Veja-se que a forma verbal assume valor de ‘mudança’, isto é, saiu de um ponto X para chegar (transformar-se) num ponto Y. Observa-se, também, que a preposição ‘de’ pode ser suprimida, tornando-se, mais uma vez, um caso de objeto direto:

(5) a'. Ele passou tenente a capitão.

a''. Ele passou-se tenente a capitão.

a'''. Ele passou-se (de) tenente a capitão.

a'''. Ele passou(-se) de tenente a capitão.

Pode-se perceber que ‘(de) tenente’ é um mero caso de objeto direto preposicionado¹¹, com o verbo ‘passar’ pronominal, visto que a ação de ‘passar’, aqui transmutada em mudança de estado, recai sobre o próprio sujeito, pois ‘tenente’ é o seu estado atual (sujeito Ele) e ‘capitão’ a sua mudança, o que se tornou após sair do estado

¹⁰ A semântica dos papéis temáticos dos verbos aqui abordados foi consultada no site “VerboWeb”, elaborado pela professora Dra. Márcia Maria Caçado Lima.

¹¹ Bechara (2009, p. 254) elenca algumas situações nas quais o objeto direto preposicionado é empregado. Dentre elas, está o fato de ele evitar a ambiguidade. Note que, caso não houvesse preposição, não se saberia quem (ou o quê) passaria: “? Ele passou-se tenente a capitão/ ? Ele passou de tenente capitão.”

de tenente. Por isso, o verbo ‘passar’ é pronominal nesse contexto, porque a ação recai sobre si mesmo. Observe-se a sua estrutura sintática-argumental:

(6) PASSAR: V, < Experienciador, Objeto Estativo, Alvo >

SN	SN	SP
x	y	z

Em que X recebe/experiencia a mudança desencadeada pelo deslocamento de Y para Z.

O problema encontrado com o verbo ‘passar’ está na vagueza na preposição ‘de’ que, nesse contexto, não é uma exigência do verbo passar, uma vez que, segundo Luft (2008), numa conjuntura em que se perceba aparente mudança de estado, esse verbo pode ser transitivo direto (preposicionado) ou transitivo indireto, acompanhado de um predicativo do sujeito. Assim, poder-se-ia interpretar “de tenente” como objeto direto preposicionado ou objeto indireto e “a capitão” um predicativo do sujeito. Sobre a problematização da preposição, em construções verbais, MENEZES (2005), citando CANÇADO (2003), coloca:

De acordo com Cançado (2003), há três tipos de preposições: as predicadoras, que não são acarretadas pelo verbo e atribuem papel temático ao seu argumento, apresentando funções semântica e sintática; as funcionais, que introduzem um argumento acarretado pelo verbo e/ou marcam o argumento que sofreu alternância sintática, mas não possuem função semântica; e as inerentes, que fazem parte do verbo (CANÇADO, 2003 *apud* MENEZES, 2005, p. 01).

Logo, vê-se que a preposição ‘a’, em “a capitão”, não se configura uma exigência do verbo, assim como a preposição ‘de’, que funciona como uma aparente necessidade do verbo naquela ocasião, funcionando como precipuamente predicadoras.

Em (3c), o verbo ‘rogar’, aparentemente inergativo (intransitivo ou que possui, presumivelmente, apenas argumento externo (sujeito)), é precedido pelos termos “por mim” e “a Deus”. De acordo com o “Dicionário de Regência Verbal”, de Luft (2008), esse verbo não pode ter dois complementos preposicionados, ligados a ele: “É má regência rogar a alguém para fazer algo. Diga-se rogar a alguém que faça algo.” (LUFT, 2008, p. 466). Isto é, na visão do autor, o verbo rogar pode exigir um objeto direto e/ou um objeto indireto. Desse modo, observa-se a estrutura sintática-argumental de ‘rogar’:

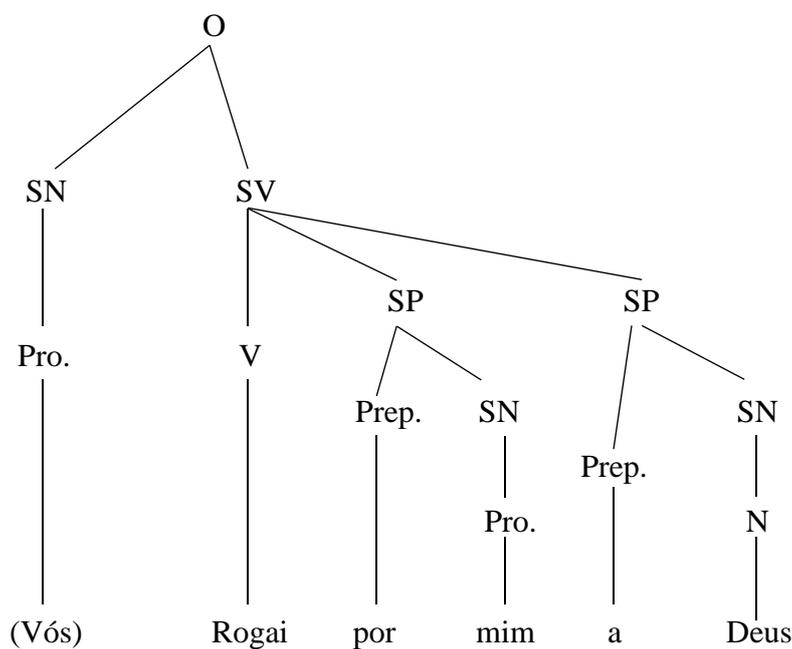
(7) ROGAR: V, <Agente, Experienciador, Alvo>

SN	SN(SP)	SP
x	y	z

Em que X age causando transferência, por um evento específico, de Z, que recai sobre Y.

Entretanto, a relação sintática entre os complementadores fica mais evidente, por intermédio da estruturação arbórea¹²:

Figura 1 . Representação arbórea do exemplo 3(c)



Fonte: Produzidos pelos autores

Na representação gráfica, pode-se perceber a hierarquia sintática dos complementadores e notar que o sintagma preposicionado “por mim” parece não ser uma dominância do sintagma verbal, haja vista que ele pode ser comutado na oração, sem sofrer alteração semântica à expressão e à sentença.

(8) a. Rogai por mim a Deus.

a'. Por mim, rogai a Deus.

a''. Rogai a Deus por mim.

¹² Para demonstração gráfica da estruturação sintagmática dos exemplos, baseou-se na Teoria Padrão Gerativista, abordada por Silva & Koch (2009).

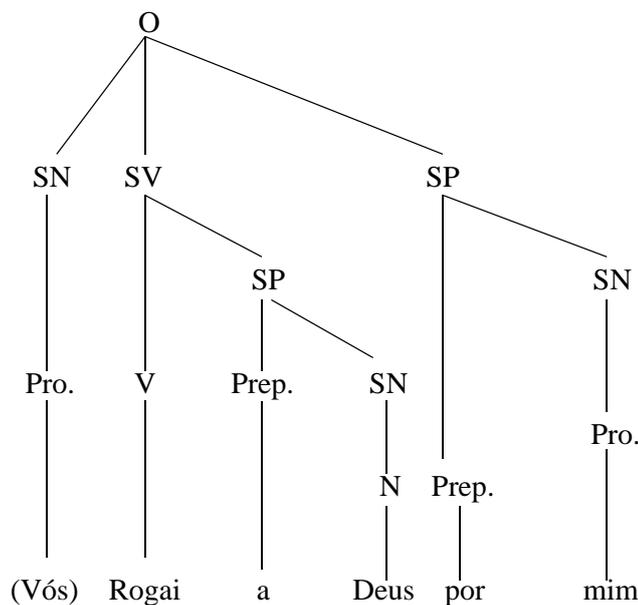
a'''. Rogai a Deus.

a''''? Rogai por mim.

Esse fenômeno não é comum aos verbos transitivos indiretos, pois os complementos regidos por este tipo de verbo devem sofrer dominância direta, isto é, o sintagma preposicionado deve ser ligado ao sintagma verbal¹³. Consta-se também que o termo “por mim” pode ser suprimido da frase, no exemplo (5a'''), concluindo-se que é um mero acessório, sendo, pois, dominado pela oração. Percebe-se que, caso se elidisse o termo “a Deus”, como mostra o exemplo (5a''''), a sentença ficaria incompleta, posto que não haveria a ação destinada pelo verbo, ou seja, não existiria o porquê de rogar. Com isso, o termo “a Deus” é uma exigência do verbo, representando um objeto indireto.

Veja-se a representação gráfica do exemplo (3c), seguindo a lógica sentencial dos argumentos:

Figura 2. Representação Arbórea do exemplo 3(c)



Fonte: Produzido pelos autores

¹³ Sobre a dominância “direta”, MIOTO (2013, p. 50) afirma que: “ α domina β se e somente se existe uma sequência conexa de um ou mais galhos entre α e β e o percurso de α até β através dos galhos é unicamente descendente.” Logo, caso o sintagma consiga comutar-se dentro da sentença, ele não sofrerá dominância direta do sintagma verbal (SV), mas sim da própria oração.

Dessa maneira, não se pode entender esse caso como de um verbo birrelativo, em virtude de um dos complementos preposicionados não ser diretamente necessitado pelo verbo, mas sim ao contexto. Tendo em vista isso, conclui-se que, na realidade, trata-se de um adjunto adverbial e não um objeto indireto. Sacconi (1990) elenca vários tipos de adjuntos adverbiais; dentre esses, há um em específico que se confunde como um objeto indireto, pois assume papel temático de beneficiário à maneira desse complemento verbal: o adjunto adverbial de substituição. Observem-se os exemplos, retirados de Sacconi (1990, p. 275):

- (9) a. Comparecer à solenidade [por alguém.]
- b. Assinar o recibo [pelo chefe.]
- c. Jurar [por Deus.]

Compreende-se que os sintagmas preposicionados iniciados pela preposição ‘por’ assumem função sintática de adjunto adverbial de substituição. Note-se que podem ser substituídos pela expressão “em nome de”, assumindo, respectivamente, os papéis temáticos de beneficiário, beneficiário e objeto estativo:

- (10) a. Comparecer à solenidade [em nome de alguém].
- b. Assinar o recibo [em nome do chefe].
- c. Jurar [em nome de Deus].

Dessa forma, entende-se que alguns complementos preposicionados dos chamados verbos birrelativos são, na realidade, certos tipos de adjuntos adverbiais. Pela esquematização arbórea e pela semântica dos papéis temáticos, é possível desconstruir a ideia de que um mesmo verbo possa demandar dois objetos indiretos, ao passo que, efetivamente, um desses complementos será dominado pela oração e não será necessariamente indispensável à compreensão da sentença.

Questões Residuais em ‘birrelatividade’ verbal: da teoria à prática

A noção de um verbo transitivo comportar, simultaneamente, dois objetos indiretos, conforme explicitado neste artigo, é praticamente insustentável, posto que, pelo menos, um dos complementos preposicionados podem ser avaliados como meros casos de circunstancializadores (adjuntos adverbiais) ou de complementos diretos (preposicionados). No entanto, esse conceito ainda é cobrado em avaliações externas e de larga escala, como concursos públicos, conquanto não seja amplamente exposto nas Gramáticas Normativas atuais.

Em “*A Gramática para concursos públicos*”, de Fernando Pestana, o autor aponta, baseando-se nas observações de Azeredo (2011), para a existência dos verbos transitivos birrelativos que, para ele, “são verbos transitivos indiretos que exigem dois objetos indiretos.” (PESTANA, 2022, p. 526)

Observa-se o exemplo, retirado de Pestana (2022, p. 526):

(11) Ela contribuiu *com dinheiro para a instituição*¹⁴.

Ora, é perfeitamente aceitável que a expressão ‘com dinheiro’ possa se comutar dentro da oração:

(11) a’. Com dinheiro, ela contribuiu para a instituição.
a”. Ela, com dinheiro, contribuiu para a instituição.
a”’. Ela contribuiu para a instituição, com dinheiro.

Retomando-se as noções de adjuntos adverbiais propostas por Sacconi (1990), poder-se-ia entender o termo “com dinheiro”, como sendo um caso de adjunto adverbial de modo: como ‘ela’ contribuiu para a instituição? Nota-se também que o termo em análise pode ser suprimido, sem maiores prejuízos semânticos à sentença.

Em contrapartida, Luft (1990, p. 150) lança mão da construção “contribuir com...para”, mas prevê a possibilidade da omissão da preposição ‘com’:

¹⁴ Grifos do autor.

- (12) a. Contribuiu alimentos para os refugiados.
b. Contribuiu (com) alimentos para os refugiados.

Desse modo, pode-se inferir que, de fato, “(com) alimentos” não pode ser interpretado, amiúde, como sendo um objeto indireto, dado que a supressão da preposição leva a classificá-lo como um mero objeto direto. Quanto ao termo “para a instituição”, observa-se que é o destinatário da ação de ‘contribuir’, ou seja, a contribuição deverá chegar a algum destino. Nesse caso, deve funcionar, necessariamente, como objeto indireto. Perceba-se que a exclusão da preposição ‘para’ torna a sentença agramatical:

- (13) a’. ? Ela contribuiu com alimentos a instituição.

Logo, desconstrói-se a ideia de ‘birrelatividade’ no exemplo (11), tendo em vista a vagueza da preposição ‘com’ e a possibilidade de dupla classificação sintática do sintagma iniciado por ela.

Além disso, essa temática já foi abordada em provas de concursos públicos, organizadas por famosas Bancas Organizadoras do país. Atente-se ao exemplo:

- (14) IBADE - 2018 - Câmara de Porto Velho - RO - Técnico Legislativo
A opção, na qual o pronome relativo está empregado corretamente, é:
A) O caso: o qual me referi, foi resolvido logo.
B) O lápis, cujo o dono saiu da sala, foi guardado.
C) Preencheu a lista aonde enumerava suas preferências
D) Li sua confissão, donde as ações ficaram claras.
E) As revistas, das quais lhe falei, são essas.

Veja-se apenas a sentença (E), do exemplo (14), a qual foi considerada a alternativa correta para a questão. Nota-se que o verbo ‘falar’, naquele contexto, está comportando dois complementos indiretos: “lhe¹⁵” e “das quais = das revistas”. Analise-se o exemplo reescrito:

¹⁵ O pronome oblíquo ‘lhe’ sempre é considerado objeto indireto, sendo a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Lima (2010) assevera que o ‘lhe’ é o único clítico com função dativa, isto é, de substituir regularmente um objeto indireto.

(15) Eu falei-lhe das revistas.

Novamente, poder-se-ia interpretar o sintagma “das revistas”, como sendo um circunstancializador. Nesse caso, o termo reforça a noção de assunto (adjunto adverbial de assunto). Nas referências bibliográficas, indicadas pela Banca para o Concurso, estava a “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa”, de José Carlos Azeredo, que abona tal fato linguístico.

Com isso, evidencia-se que inquirições sobre ‘birrelatividade’, sejam em avaliações de larga escala, sejam em estudos escolares, devem ser tratadas como sendo casos de circunstancializadores e não de dois objetos indiretos. É demonstrável que, na prática, não é possível coocorrerem, tendo em vista a influência dos papéis temáticos e da lógica hierárquica das sentenças.

Considerações Finais

Apesar de não serem próprios da terminologia gramatical atual, os verbos birrelativos constam em estudos linguísticos de autores como Azeredo (2011), além de já terem sido abordados, nos últimos anos, em provas de Língua Portuguesa de certos concursos públicos. Em que pese a Gramática Normativa não permitir a ocorrência simultânea de dois objetos preposicionados a um mesmo verbo, a incidência da birrelatividade não se sustenta na prática, haja vista a dinamicidade dos termos iniciados pela preposição em análise, os quais ora poderão ser meros casos de adjuntos adverbiais (comumente, os chamados adjuntos adverbiais de substituição, na visão de Sacconi (1990)), ora objetos diretos preposicionados que admitem a supressão da preposição.

Dessa maneira, é mister inferir que os papéis temáticos assumem posição de determinadores do aspecto sintático dos complementos, atribuindo possíveis funções semânticas aos argumentos e adjuntos, de modo a sistematizar os papéis temáticos relativos a objetos indiretos e aos circunstancializadores.

Ademais, com este trabalho, sustentado nos estudos de Cançado (2013), Luft (2008) e Sacconi (1990), pôde-se evidenciar a “fragilidade” do conceito de verbo ‘birrelativo’, proposto por Azeredo (2011), haja vista a natureza mutável dos

complementos preposicionados, não apresentando concomitância com as possibilidades de tais verbos em selecionar argumentos com determinados papéis semânticos.

Referências

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana; MEIRELLES, Letícia. VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro. **Banco de dados lexicais**. UFMG, 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb>. Acesso em 10 de set. de 2023.

CANÇADO, Márcia. Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: Anotações de Carlos Franchi. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, vol. 11, n. 2, 2003.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 1 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de verbos e regimes**. 44 ed. São Paulo: Globo, 1940.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de Regência Verbal**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2008.

MENEZES, Rosimeire Corrêa de. **Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica**. 2005. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MIOTO, Carlos *et al.* **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática: teoria**. 14 ed. São Paulo: Atual, 1990.

SILVA & KOCH. SILVA, Maria C. P. de S. e; KOCH, Ingedore G.V. **Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Submetido em 20 de outubro de 2023.

Aceito em 06 de dezembro de 2023.